

O ALEITAMENTO MATERNO NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Brenda Lemony¹

Esta pesquisa tem como base a problemática da amamentação e sua relação com as Amas de Leite e o arrolamento da sociedade republicana e o movimento Higienista. A amamentação é um fenômeno não apenas biológico, mas também sociocultural, transforma o fisiológico em socio afetivo, econômico e sociocultural. O processo Higienista, para disseminar a ideia negativa as Amas de Leite, para retirá-las o poder de nutriz, a especialidade médica ganha força e a assistência à criança surge, com centros médicos, maternidade, berçários, creches, envolvendo a genitora com a criação do lactente. Dita-se a mercenária os ricos do seu leite, maculando, definindo que as Amas de Leite é a causa da mortalidade infantil e baixo peso do lactente. Perigos de doenças são alertados para a amamentação mercenária. A saúde é exaltada e as mulheres são o principal alvo de remodelação, a mãe têm outro sentido, que não só o de instruir, mas alimentar, entra em conflitos séculos de amamentação terciária, para obrigar as genitoras a amamentar, tudo com alicerce na Higienização. A teoria higienista acabou apartando as Amas de sua função. Dando origem ao maternalismo em sua totalidade e situação, a abertura de questões maternas para o debate científico e médico.

Palavras Chave: Amamentação; Amas de Leite; Maternidade.

This research is based on the problem of breastfeeding and its relationship with the Milk Mothers and the list of republican society and the Hygienist movement. Breastfeeding is a phenomenon not only biological but also sociocultural, this transforms the physiological into psycho-affective, economic and sociocultural. The Hygienist process, in order to disseminate the negative idea of the Mothers of Milk, to withdraw them the power of nurse, the medical specialty gains strength and the assistance to the child arises, with medical centers, maternity, nurseries, day care centers, involving the Of the infant. The mercenary is said to be the rich of his milk, defining that the Milk Mothers is the cause of the infantile mortality and low weight of the infant. Danger of illnesses are warned for mercenary breastfeeding. Health is exalted and women are the main target of remodeling, the mother have another sense, which not only to instruct but to feed, enters into conflicts centuries of tertiary breastfeeding, to force the mothers to breastfeed, all with foundation in the Hygiene. The hygienist theory eventually separated the Mothers from their function. Giving birth to maternalism in its totality and situation, the opening of maternal issues to the scientific and medical debate.

¹ Especialista em História do Brasil pela autarquia FADIMAB; Graduanda em Pedagogia pela UFPE; Professora de História, docente da disciplina de Direitos Humanos, Sociologia e Filosofia, na EREM Padre Francisco Carneiro, em Olinda- PE.

Keywords: Breastfeeding; Breastmilk; Maternity.

A mulher:

Ao se abordar o ideal da mãe nos séculos passados devemos ter em conta sua função propriamente dita. A priori, faz-se necessário perceber que a base do núcleo familiar, que a compilar o patriarcado é o resultado deste principal pilar. O pai é o advento da família, do sustento, do ensino das crianças, é o homem da casa. A mulher está em um ‘patamar muito inferior’, abaixo da criança, em que o pai é o responsável pelo o educar, punir como bem achar melhor. Este é legado de fundo Aristotélico, que perpassa séculos com o ilusório de “rei natural”, dono de tudo, mas perfeito entre todos. As mulheres e crianças eram submetidas a este ser supremo (BADINTER, 1985).

Assim, a mulher era a culpada de todo o sofrimento a ela acometido, tudo devido a seu pecado original, a Eva do Éden, era a perdição do homem. Este discurso atrelado ao poder exercido de Adão. Quando Deus, a pergunta, o questiona, o deixando responsável pelos os dois, atribuindo juízo de valor a Adão, este, culpa a Eva, ela é a tentação suprimiu a cobiça. Com isso, de acordo com a Badinter “A partir do século IV, abundam as diatribes contra as mulheres, imputando-lhes uma malignidade natural”. Todo o encargo é visto neste discurso religioso acima da mulher, e o que ela representa a sociedade, como esposa, mãe e filha.

Badinter acrescenta:

A imagem do pai e do marido ocupando o lugar de Cristo suplantou a igualdade proclamada por esse mesmo Cristo. São Paulo foi quem a criou, ao recomendar: "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos como ao Senhor... Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor... obedeci a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo." [...] O Pai, o Marido, tinha, portanto, uma delegação dos poderes de Deus. Mesmo temperado pela ternura, seu poder era absoluto, despótico. E São Paulo recomendava à esposa, como outrora Aristóteles, observar um comportamento adequado à sua inferioridade, isto é, de modéstia e silêncio. Assim referendadas, as prescrições da moral eclesiástica ressaltam, até o século XVII, a subordinação da mulher ao marido. Nos escritos do grande pregador lionês Benedicti, podemos ler: "Se a mulher quer apossar-se do governo da casa contra a vontade do marido, quando ele lhe proíbe isso por alguma boa razão, ela peca, pois nada deve fazer contra o marido, a quem está submetida pelo direito humano e divino." [...] E mais adiante: "A mulher orgulhosa de sua benevolência, de sua beleza, de seus bens, de sua herança, despreza o marido recusando-se a lhe obedecer... Ela resiste assim à sentença de Deus, que quer a mulher sujeita ao marido, que é mais nobre e mais excelente do que a mulher, dado que é a

imagem de Deus, e a mulher é apenas a imagem do homem."(BADINTER; p. 45,1985).

Nesta perspectiva, a mulher deveria ter todo o servilismo com quanto seu pai, esposo, filho, sempre a imagem masculina, sendo imposta a ela, como lembrança da sua falha no paraíso, descendentes de Eva, pagando pelos os seus pecados, para não caíres novamente em desonra, precisando sempre de um homem para sujeitar-se as intempéries da vida. A mulher medieva, era a Bruxa, a maldosa, a diaba, adjetivos concomitantes com a sua maldade eloquente (PRIORE, 2005).

Com o passar dos séculos precisamente pós séc. XIII, as mulheres passaram a uma condição de ‘invalidez’, abandonando progressivamente termos relacionados a demonização de sua imagem, a considerando cada vez mais inválida e fraca. Fragilidade que a impede de pensar, e cuidar de si, sempre precisando de uma tutela, não podendo responder por si, em casos de chefia ou adventos destas funções.

A Igreja nos séculos XII e XIII, condena piamente o infanticídio e o abandono, após aceitam o abandono, decidindo ser um pecado perdoável, criando assim as Casas de recolhimento, posteriormente, para receber esses enjeitados. Assim, o pai não poderia mais ter o direito de matar o filho. Não poderia mais impor casamentos, sem a vontade dos mesmos. Ou seja, “Há um domínio em que a autoridade do pai foi objeto de um conflito mal disfarçado entre a Igreja e o Estado: os direitos do pai em relação ao casamento dos filhos. ”

Sendo assim, conflitos de autoridades entre Estado, Pai e Igreja, criou embaraços entre eles, “desde meados do século XII, o casamento foi considerado um sacramento. O simples fato de expressar por palavras o consentimento ao matrimônio ligava os esposos de maneira definitiva. ” Liberdade de escolha, para os filhos, pondo um pequeno peculiar a soberania dos pais. “O direito canônico reconhecia, portanto, como válido um casamento contratado por filhos sem o consentimento dos pais, com a única condição de que o rapaz tivesse pelo menos treze anos e meio e a moça, onze anos e meio. ” Com estes problemas, de fora de dominação, dos pais com os filhos, O Concilio de Trento (1545-1563) foi obrigado a impor restrições às condições do casamento. A Igreja, abominou os casamentos clandestinos, e declarou que os noivos, deveriam expressar a sua vontade na presença de um padre e após a publicação dos proclamas. “Por fim, proclamou solenemente que casar sem o consentimento dos pais era um pecado, muito embora o casamento assim consumado continuasse sendo considerado válido. ” (BADINTER; 1985).

Portanto, o Estado Francês não queria suprimir o poder paterno, pois, era uma forma de controle exercida dentro do lar, criou medidas, mais fortes para estreitar este laço de dominação

que reinou com a Revolução Francesa, sendo consolidada com a promulgação de Napoleão Bonaparte (FOUCAULT; 1999). Dessa forma, materializa, a união do casamento com toda a submissão da esposa em prol do seu marido, e expressamente fraqueza feminina (BADINTER; 1985).

Nesse sentido, jaz sob a soberania paterna o poder do Estado, deixando de ser individual para o coletivo, “várias cabeças, vários corpos”, o Estado começa a intervir nesta relação matrimonial, essa nação junto a Igreja exerce o Biopoder, o poder acima da relação familiar. Ou seja, segundo Foucault, o poder se estreita com o Biopolítico, onde cria estatísticas, mirando o controle da sociedade, esta autoridade exercida nas mais íntimas relações, visando mão de obra para o comércio, indústria, exército. Consistir em esferas que engrandecem a nação. Dessa forma, o Estado entende as pessoas como parte de um processo estrutural da sociedade, visando a população como um todo. Assim, controle da natalidade, será uma das formas de valorizar casamentos, e a maternidade, bem como o cuidado com os filhos evitava a mortalidade. Sendo de tal modo, que o Estado garantiria números maiores de trabalhadores no futuro (FOUCAULT 1975-1976).

Esta relação da Biopolítica, no envolvimento social, causa a preocupação na categoria de proteção a vida. Se antes as famílias tinham o conceito de mortalidade como normal, a higiene e a medicina preventiva com o controle de natalidade, aboli esta ideia, e a transforma como imoral e incivilizado. A queda da mortalidade do Estado, cria a ação de “deixar viver”, e exterminar a ideia de naturalização da morte do nascituro. Para este processo ser realizado, precisa de uma mudança e criação de normas e leis, para conceituar e ter aceitação com punições morais e físicas. Esse controle da sexualidade foi a mais tolhida, a mulher com o pilar do “ser” disciplinar. Segundo Foucault, “A sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação”. O casamento, parte para o essencial a sociedade, para gerar frutos, e desses frutos a nação sempre se renovará, virou causa de proteção do Estado. E junto a ela o corpo da mulher, que é intencionalmente voltado a maternidade e com ela as suas obrigações, a exemplo da amamentação que é colocada em torno da mulher como obrigação, e cuidados aos filhos como exemplo de mãe e de mulher. Criando tabus em torno da amamentação terciária, criando um péssimo vínculo com um ser inocente, que depende só da mãe e não de outra para os seus cuidados. (FOUCAULT 1975-1976).

Neste sentido, o papel da mulher sofre uma transformação, se antes era vista como um estorvo, a partir do século XVIII, é apontada como um troféu, e no final do século XIX como uma peça fundamental no pilar da casa, do matrimônio e na vida social. O perfil da mulher

relacionada a submissão era fato, e sinônimo de obediência, e boa esposa, a valorização da mulher estaria intermitentemente ligada a dependência.

A maternidade europeia e a amamentação indígena, amas de leite brancas e o choque cultural:

Para o entendimento do conceito de mãe, da amamentação e seus alicerces, devemos entender qual a função da “limpeza” da sociedade que a permeou durante o século XVI.

De acordo com (Almeida,1999) amamentar é instinto, para o ser humano como todo mamífero, o alimento principal é o leite. Quando não o têm, outros alimentos são ofertados, mas, nunca equiparado aos nutrientes contidos no leite materno. A amamentação, além de ser biologicamente determinada, é sócio culturalmente condicionada, tratando-se, portanto, de um ato impregnado de ideologias determinantes que resultam das condições concretas da vida. Por isso, não podemos sustentar a ideia de que é natural e sempre foi assim, é uma questão ideológica de unidade familiar e social.

Dessa forma, vemos que o intermédio da análise compreensiva, sob a perspectiva do realismo histórico, torna-se possível para evidenciar os condicionantes sociais, econômicos, políticos e culturais que a transformaram em um ato regulável pela sociedade. (Chartier, 2002).

Além de que, de acordo com Badinter (1985), na França, a mãe exercia a cátedra genitora, envolvendo a responsabilidade de parir, a seguir de excretá-lo, despachava a criança para uma Ama de Leite, esta ama em sua maioria morava no campo, e os lactentes advinham da cidade. Este perfil remetia as mães mais necessitadas da cidade, que precisava auxiliar o marido em seu trabalho. As Senhoras da nobreza, acometiam para o seu lar, as amas. Mas, suas restrições eram ínfimas, para a contratação destas. Eram escolhidas em redes de comércio, em anúncios de jornais, ou indicação de agências, ou a informalidade, de conhecidos. Na França, toda como o berço das tendências mundiais, a amamentação também compactua das ferramentas de novidades e percepção de civilidade.

Ainda, segundo a autora, não amamentar era um ser Civil. As mulheres da cidade, não submergiam tempo com a lactância, esta função estava destinada a subalternidade. A esta teoria, as mães do campo não exerciam. Elas mesmas aristocratas na França lhe davam o peito, sendo poucas as taxas de mortalidade, e esta relação com a morte sendo mais sentida do que as mães cidadinas.

Para as mulheres europeias daquela época, pertencentes às classes sociais dominantes, o amor materno não tinha valor social e moral, fato que as levava a considerar a amamentação

uma tarefa indigna para uma dama. De mostrar os seios, abominável tal atitude. O choro era uma agressão aos ouvidos, sendo muito mais prazeroso a entrega destes bebês a ama que seria apta para tal lugar [...] “Esse comportamento tendia a ser copiado pelas demais classes como forma de distinção social “A taxa de natalidade, não as incomodavam, podiam parir 20 (vinte) filhos, mas não usavam a amamentação como fonte de controle à natalidade (BADINTER; 1985).

Sendo assim, a beleza da mulher e sua fuga a cidade eram motivos funcionais para a recusa de amamentar pelas francesas, elas iam para a butique, para o salão... Fatos que seriam interrompidos se exercesse a lactância (BADINTER;1985).

Conforme o pensamento de Alcileide Cabral (2008), o mal odor pelo cheiro do leite, aumentava o asco, na França oitocentista, pela falta de vestimenta para trocar, as francesas transbordavam o leite, aumentando o aborrecimento e distanciamento das mulheres a lactância. O marido, com a amamentação de sua esposa, pelo fato de ficarem proibidos de terem o coito sexual, com bases não científicas, mas teológicas, de que sujariam o leite, o contaminariam com o esperma do homem. Assim, seria um pecado mortal, uma lactante ter relações sexuais, justificando, a procura de amas de leite, em todas as instâncias da sociedade. (CABRAL, 2008).

Em conformidade com a autora Badinter (1985), na França, as mulheres da grande burguesia parlamentar até o século XVI elas mesmas amamentavam os seus filhos, já as crianças oriundas do século XVII, eram enviadas as amas intermitentemente. Mas, é no século XVIII, que haverá uma generalização em várias camadas sociais, onde todos despachariam seus filhos a exclusivos cuidados com as amas de leite.

Portanto a mesma afirma que:

“Como sempre, Paris dá o exemplo, mandando seus bebês para fora de seus muros, por vezes a distâncias de até 50 léguas, para a Normandia, a Borgonha, ou o Beauvaisis. Foi Lenoir, tenente-geral de polícia, que prestou as preciosas informações à rainha da Hungria.²⁴ Em 1780, na capital, em cada grupo de 21 mil crianças que nascem anualmente (numa população de oitocentos a novecentos mil habitantes), menos de mil são amamentadas pelas mães, mil são amamentadas por uma ama a domicílio. Todas as outras, ou seja, 19 mil, são enviadas para a casa de amas. Dessas 19 mil confiadas a amas fora do teto materno, duas ou três mil, cujos pais dispunham de rendimentos cômodos, deviam ser colocadas nas proximidades de Paris.²⁵ As outras, menos afortunadas, eram relegadas para longe.” (Badinter 1985, p.68).

Vemos então que essas locações seriam de acordo com o financeiro da família, estas mais abastadas teriam os filhos com amas mais perto delas, as outras com provisões menores, enviavam mais longe, e assim por diante. A grande, média e baixa burguesia, de acordo com o

relatório compilado por Badinter (1985), eram a maioria de comerciantes, mas, também artesãos, jardineiros, que faziam o uso recorrente das amas. Os operários de seda, chapeleiros, esses trabalhadores, precisavam do trabalho da esposa, em seu estabelecimento, pois, se esta fosse ser exclusiva do lactante, teria que contratar outro para pôr em seu lugar, sendo mais oneroso, menos custo seria enviar a ama. Se esta mulher não trabalhasse com o esposo, mas faria trabalhos em casa, como costureira e bordadeira, para ajudar a renda familiar. Entretanto, ela condiz que operárias de fábrica praticamente inexistia em seus relatórios, estas deixavam o dia, “ao que parece” e buscavam á noite. Enfatiza-se a ausência de camponesas ricas, que preferiam consistir em criar e amamentar os filhos, a envia-los a amas. Muitas camponesas menos abastadas eram praticamente obrigadas, renegar a própria filiação em prol de filhos oriundos da cidade, para serem amas.

Portanto, estas seriam as classes de trabalhadores que poderiam conservar o filho consigo, mas não fariam. Pois, o poder paterno, que deveria ser o centro das atenções, a mulher deveria ser exclusividade deste, pesa conceitos religiosos, narcísico do homem, como o centro. Não aceitaria dividir o momento com o filho, além de outros fatores, como sexual e higiênico (DEL PRIORE, 2004).

Nesta perspectiva para Badinter (1985), os burgueses, expediam seus filhos ao campo com inúmeros casos de mortes, mas, mesmo assim continuavam enviando, a autora, questiona se seria falta de amor?! Ou da época constituíam o melhor para o ser? Os argumentos válidos para tal questionamento, é que em sua grande maioria não tinham o pesar nas mortes, não selecionavam bem as Amas, não teriam um critério rigoroso para o aceite, seria simples, nasceu levou, morreu enterrou! A morte é tratada como algo corriqueiro para os pais, “Tudo isso está na linhagem da célebre frase de Montaigne: "Perdi dois ou três filhos com amas, não sem pena, mas sem aborrecimento."² A preocupação com a criação das crianças era ínfima, elas eram levadas as amas, onde muitas vezes se quer procuravam saber de notícias. Outras não, procurava e entravam com inúmeros processos por quanto estas retrogradaram, estavam tísicas e muito debilitada. Em relação a higiene vimos que era precária, bem como o transporte, a falta de cuidados básicos com as crianças levava a óbito antes mesmo de chegar a Ama. E os pais recebiam mortos, estes filhos de volta até mesmo 1(um) mês após sua partida. Por isso, a pressa de quando nascesse batizar, já tendo em vista a morte antes de um ano (BADINTER; 1985).

² Montaigne, Essais, II, 8. Por Badinter, em O Mito do Amor Materno 1985.

Deveras, em suma maioria, quando regressavam eram ensinadas/cuidadas por preceptores³ para os meninos, e governantas para as meninas. Agora o requisito de contratação de acordo com a autora, seria irrisório. “A contratação de uma criada, teria mais requisitos para o trabalho.” Após este tempo, era levada para internatos, quando só saiam jovens, que seriam para herdar no caso o primogênito, e as mulheres iam para o convento que saiam para casar. Sempre existindo esta distância parental”. (BADINTER, 1985).

Por outro lado, sobre a morte das crianças é sentida em alguns países, na França é algo frio, não doloroso, até bem tolerado. Em Portugal existia a prática da amamentação mercenária, “Em Lisboa, a amamentação mercenária era uma prática socialmente instituída, e cabia às saloias, camponesas da periferia, o aleitamento dos filhos das classes sociais dominantes “ Tendo um pequeno controle em relação a eles, com o aleitamento feito em casa dos pais (FREYRE, 1978).

Portanto, este ideal consentido foi até o século XVIII, progressivamente sendo considerado incivilizado pela Revolução Francesa. Precisando de mão de obra, o capital, viu em crianças enjeitadas a fonte para o mercado, tendo assim um sentido maior de valorização. Ultrapassando para as famílias burguesas, estas antes renegadas a Amas, e posterior internato, tinham nenhum laço ‘parental’ com a família, sendo educada por terceiros, e não tendo assim ideais para manter a revolução, sendo preciso medidas sociais para o refreamento de imaginários não revolucionários. Rousseau em *Emilé* criará medidas de buscar a valorização da genitora e com essa todas as suas obrigações e submissões, como mãe e esposa (Badinter 1985).

Segundo Rousseau (1772-1778) em sua obra *Emilio ou da Educação*, um romance com um teor de manual, crítico em relação as mulheres que entregavam os filhos a amas mercenárias. Retrata os malefícios a criança. Criando uma negação ao papel da Ama, e sua importância. Com trechos como este, “enfaixam-se os bebês por ser mais cômodo para a Ama, o joga em qualquer lugar, sem se incomodar com o choro, desde que suas mães renegam o ato de amamentar, se sujeitando a mercenárias”, “que como não são seus filhos naturais, não sente o apelo da natureza” (ROUSSEAU; 1772-1778 p. 18).

O mesmo continua descrevendo o poder da mãe como mantenedora da amamentação, seria um poder transformador, a transfiguração da genitora como nutriz, seria o lar um lugar de felicidade e amor, o “Amor Materno”. Uma construção intrínseca, onde o instinto afloraria de

³ Homens com a função de educar em casa a criança; geralmente do sexo masculino; detinha o poder de ensinar, até por volta dos 7 anos, onde estes eram enviados a internatos.

uma proporção antes inigualável. “ A mãe voltando a ser mãe, logo o homem voltaria a ser pai e marido” Seria uma escala de escolhas, essa da mulher como fonte de união destes relacionamentos. Sendo assim, a mãe passa por uma transfiguração de poder, o poder antes exclusivo do pai, passa a ser dela (ROUSSEAU 1772-1778 p. 18).

Para fortalecer a sua tese, e enfatizar a realidade dos pais, Rousseau (1772-1778), destina ameaças aqueles que não cumprirem o dever natural, que é o de cuidar dos filhos, citando assim: “ Não há pobreza, nem tarefas, nem respeito humano que o dispense de nutrir seus filhos e de educa-los ele próprio. ” E acrescenta: “ Podeis acreditar em mim: prediz que quem quer que seja tenha entranhas e negligencie tão santos deveres derramará por sua causa lágrimas amargas e nunca se consolará”. (ROUSSEAU p. 25, 1772-1778). Nesse sentido, a culpa é a manobra mais eficaz para dismantelar o enredo social até o momento então muito bem estruturada na sociedade Francesa.

Veremos então, a criança como papel principal da família, e para esta teia, ser bem-sucedida, precisa de todo núcleo familiar envolto dele. Ou seja (FOUCAULT, 1975-1976) para “o natural, a normatização das regras” fica evidente e posto em cena, tendo como princípio a “observação os animais” de acordo com o (ROUSSEAU, 1772-1778). Portanto, com técnicas de higiene, “retiradas de faixas, fraldas não apertadas, amplas, que deixem todos os membros em liberdade [...] colocai um berço grande e bem acolchoado[...] quando começar a fortalecer-se, deixai-a engatinhar pelo quarto”. Destarte, assim as Amas, fará oposições a estas atitudes, tendo em vista, que as crianças enfaixadas se tornam mais fácil o cuidado. As roupas abertas deixam ela mais limpa, deixando à mostra a sua sujidade. Tendo por obrigação o asseio destas. (ROUSSEAU; p. 40 ,1772-1778).

De acordo ainda com o autor “considerando-se a infância em si mesma, haverá no mundo um ser mais frágil, mais miserável, mais a mercê de tudo que a cerca, que tenha mais necessidade de piedade, de cuidados, de proteção, que uma criança necessita ” (ibidem). Ou seja, origina o lado doce da infância, algo macio e notável de carinho e afeição, denota a funcionalidade dos pais, com aquela criança, o seu dever de cuidar, por ser seres em vulnerabilidade. (BADINTER 1985).

Desta forma, os deveres dos pais em zelá-los, com o poder coercitivo de vigiar, destarte do Estado, perpassa esse poder aos pais, com o cuidado aos filhos, se o mesmo exerce no coletivo com normatizações, na esfera familiar. Vigiar e Punir características fora do padrão normativo do lar (FOUCAULT; 1999).

Para Rousseau (1772-1778) a Mãe ideal é educada para educar os filhos. Não tão crítica que quisesse ser a mais que o esposo, está seria o flagelo do marido. Mas, culta o suficiente

para a educação de boa qualidade. A mulher no pensamento de dele, seria pensante satisfatória de uma mãe. Esta seria uma “boa mãe”, a mãe que se dedicaria infinitamente ao filho, mas sem esquecer do marido e do lar. Uma competente dona de casa, que ensinaria ao filho (a) com primor, a qual quando o marido chegasse a janta estaria pronta e o filho no berço. Mulheres fora deste padrão é temida e não respeitada. A de convir que o poder exercido por esta mulher, é adquirido por uma forma de importância no âmbito familiar, contudo, continua sendo o patriarcado a forma efetiva, porém entra em cena o matriarcado com o respeito a mãe, e sua valorização na esfera social.

Sendo assim, a burguesia aderiu esta forma rousseuniana, segundo Badinter (1985), muitas mães libertaram os filhos das opressoras faixas, deixando livres em seu desenvolvimento motor, dando-lhe o ‘peito’ quando solicitado. Contudo, não sendo assim em todas as esferas sociais, pois houve nobres que se recusavam a participar deste levante maternal, porém mudando a forma de cuidados, tendo agora na criação a mãe seca. A Ama de Leite seria escolhida com cuidado onde passaria a manter a criança na casa da genitora em que de perto supervisionava os cuidados com o bebê. Esta depois do desmame continuava com o cuidado, sendo a “Ama Seca”. Para a sociedade seria uma boa mãe, pois manteria o filho próximo a si.

Nesta perspectiva, ser civilizado, seria ser mãe, e ‘boa’. Ser boa mãe, está em que trucidava as Amas e Madrastas, aquelas que enviava o filho (a) a uma ama no campo, virou algo errado, ou seja, um conceito de péssima mãe de separar-se do filho. A esposa seria vista com o marido em momentos sociais, a família perfeita, um exemplo a sagrada família. A distinção entre primogênito e outros filhos, ‘termina’, cria-se o “amor materno” que engloba todos os filhos sem distinção de um ou outro (Badinter 1985).

A construção da maternidade brasileira e com a ‘marginalização’ das amas de leite negras, usando a higienização com um dos pilares a ‘limpeza’ social :

Com as normatizações vindas da Europa o Brasil também passa por transformações oriundas da “onda maternalista” e valorização da mulher como mãe. Influindo na educação diferenciada de gênero, como um bom casamento para as meninas, e para aprender os ofícios de boa mãe, como bordar, costurar, cozinhar. E para os meninos serem trabalhadores forçando a mente, eram ensinando aos mesmos, administração, carpintaria. Este processo de civilização aos moldes franceses, conceitua e ilustra uma família patriarcal, liderados por diferenciação clara de gênero, e sexista (SCOTT, 1989).

A visão da amamentação na estrutura familiar Brasileira, segundo Alcileide Cabral (p. 45; 2008) era que os maridos analisavam a amamentação como algo sujo, e uma restrição ao prazer carnal. Os acadêmicos declaravam a amamentação como “ ridícula e repugnante”

No Brasil de acordo com Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*, as famílias aristocráticas tinham uma ama mercenária ou uma cativa, em que elas “abdicavam” dos seus filhos em prol dos filhos brancos, sendo chamadas por ele de “Mãe Preta”, tendo assim, uma relação especial com as escravas que foram designadas a serem Ama (FREYRE 2003). Muitos senhores alugavam suas escravas como amas de leite e enviavam os seus filhos a Santa Casa de Misericórdia como enjeitado.

Vejamos alguns anúncios em jornais de Pernambuco de amas sem cria:

“ – Aluga-se uma ama de leite sem cria, captiva: qnem quiser dirija-se á casa junto ao Theatro. ”⁴

“- Precisa-se de uma ama de leite, que não tenha filhos, na rua Nova loja de alfaiate D. 25 ”⁵

De acordo com o Carula (2012), o Dr. Costa (jun. 1879, p.82), afirma em nome da ciência que o leite materno era o melhor para a criança, a exemplo dos animais com base animais da natureza, e o mais fisiológico do humano. Questionava o porquê, da mulher alimentar com o seu sangue o bebê por 9 meses, porque não continuaria pós o nascimento. A saúde da criança era influenciada diretamente pela higiene da alimentação, e nada mais saudável que a sua própria genitora. O leite artificial era aceito em última hipótese, depois que a mãe não pudesse amamentar e não quisesse um ‘leite mercenário’, um termo descrito para a ama de leite escrava ou não. Caso sendo cativa, o proprietário receberia um adiantamento pelos os serviços dela, se não, ela mesma receberia. Originando um comércio de Amas, muitas viviam para alimentar outros lactantes. As mulheres que residiam nas cidades, enviavam os filhos ao campo, e muitos morriam pelo caminho, aqueles que sobrevivessem perdiam a ligação com as suas mães, por passarem muito tempo com as Amas.

Percebemos, pela interpretação de Carula (2012) baseado no Dr. Costa (jun. 1879, p.82), em seu periódico, afiançava que as Amas de leite, denegriam o filho das mulheres brancas, iam para os bares e deixavam as crianças em contato com os beberrões e desordeiros, contribuindo assim para a insolência deles.

⁴ Diario Novo, Segunda Feira 8 de agosto de 1842 Nº 7 Pernambuco p.4.

⁵ Diario Novo, Segunda Feira 16 de setembro de 1842 Nº 39 Pernambuco p.4.

Portanto, ao final do sec. XIX com o pensamento do racismo científico o Dr. Costa declara como é prejudicial a estes bebês que não fossem amamentados pelas mães. Pois, o leite transmitiria mal comportamento, e deixariam as crianças menos inteligentes, e no Brasil seria ainda pior pelo alto índice de não lactantes brancas. Com estes dados ele inicia um trabalho de medo as amas de leite, um rechaço em seu periódico, alertando o perigo. Este amedrontamento, iniciava por matérias vinculadas a acidentes com bebês que estariam em cuidados da Ama. Conduziria as crianças a lugares escusos que não fariam bem a moral e os costumes de um branco da alta sociedade. Eles estariam condizendo a um “cranco social” (CARULA; 2012)

Ainda o mesmo, descreve o absurdo, da Ama trazer patuás ou amuletos para a casa do Senhor e ainda compactuar com a criança branca. Levar a ela as moléstias de caráter, afirmava o mesmo. E as mães que permitissem, eram desleixadas e irresponsáveis”, o papel da mãe seria educar e cuidar dos filhos, e não os deixar com criados ou amas, ‘para a bem sorte deles’. Continuando a afirmar, que as mulheres que forem alimentadas por amas, não teriam o amor delas, e conseqüentemente não seriam boas mulheres ou até seriam estéreis, e não serviriam para a sociedade, mulheres ‘inúteis’. Trazendo o terror as suas leitoras. Criando uma aversão moral e higiênica as Amas, associando-as à mortalidade infantil (CARULA; 2012).

Sendo assim, o pensamento de avaliar melhor o leite que era ofertado os lactantes abastados, é segundo o Dr. Costa incitado a avaliação deste alimento, com um exame minucioso da Ama. Criou-se critérios e consultórios para esta empreitada, alguns destes era gerenciado pelos profissionais Silva Araújo e Moncorvo de Figueiredo. “Em 1876, Moncorvo de Figueiredo redigiu um projeto que previa a obrigatoriedade da inspeção de todas as amas de leite (livres ou escravas)”. O projeto contava com elementos higienistas para as Amas, e para as classes mais baixas também, criava uma ponte entre as Amas escravas e as Amas brancas. De acordo com Maria Carneiro (2006, p.172), era uma proposta objetiva e política de encaminhar aquele debate no âmbito da administração pública, com objetivo de controlar e assim promover um governo higiênico. Hospitais que coletavam e mapeavam como bancos de leite e faziam uma averiguação, iguais a Espanha e França. Que não foi levado adiante, não tendo uma real importância no Ministério Imperial. A procura também foi muito pouca, não se criou efetivamente escritórios para esta manutenção, nem certificados de liberação ao lactante. Entretanto, Costa (1886, p.69) sugeriu que a Inspetoria de Higiene proibisse o anúncio de amas sem que as mesmas estivessem munidas do certificado de qualidade (CARULA; 2012).

Neste sentido, as amas de leite, configuraram um poder a sociedade, neste que deveria ser extinta a sua prática, elas portavam a moléstia físicas como sífilis, ou morais de caráter

subjetivo. Em matéria, o Diário denuncia um descontentamento em relação a saúde do leite mercenário

“Nas famílias muitas mães, ou porque não podem, ou não querem dar-se ao trabalho de amamentar os filhos, costumam entregal-os a mercenárias. Além de que estas dispensam cuidados ou carinhos, como quem explora uma indústria, sucede quea uma completa ignorancia is regras da hygiene aplicáveis á primeira idade, não rara vezes, juntam péssimas condições de saúde. Dahi a necessidade de estabelecer uma rigorosa vigilância sobre a amamentação mercernaria, e de organizar a municipalidade especial serviço medico neste sentido, podendo serinos de licção e modelo o que a este repeito existe na Republica Argentina[.] E´ preciso quanto antes estabelecer postos médicos, incumbidos de fazer cumprir todo os preceitos de uma salutar amamentação, e não deixar tão importante serviço reduzido a um ligeiro exame do corpo do leite antes de serem tomadas por aluguel as amas.”⁶

Segundo Foucault (1972-1978) a medicina é uma forma de impor o poder do Estado para o bem geral, com formas de manter as moléstias e perigo fora da sociedade. Criar centros especializados para a saúde da feminina, exemplo a maternidade.

Conceito importante de intervenção:

Um saber técnico como a medicina, ou melhor o conjunto constituído por medicina e higiene, vai ser no século XIX um elemento não o mais importante, mas aquele cuja importância será considerável dado o vínculo que estabelece entre as influências científicas sobre os processos biológicos e orgânicos (isto é, sobre o corpo) e, ao mesmo tempo, na medida em que a medicina vai ser uma técnica política de intervenção, com efeitos de poder próprios (FOUCAULT; 1972-1978).

Neste Sentido, a mulher/mãe imposta a sociedade a partir do século XIX, é uma figura urbana, que consolida o capitalismo, com alternativas para a vida social, da burguesia. Segundo Del Priore (2004) “ A vida burguesa reorganiza as vivências domésticas. Um sólido ambiente familiar, lar acolhedor, filhos educados e a esposa dedicada ao marido e sua companheira na vida social são considerados um verdadeiro tesouro”, com romances com papéis definidos de

⁶ Diário de Pernambuco, Recife—Sexta Feira, 25 de outubro de 1901- Redator Chefe- Arthur Orlando.

inspiração para as moçoilas e os rapazolas deste novo cenário. Tanto que havia um anúncio que demonstrava quem iria contra estes atributos eram condenados pela simbologia popular, na sessão de superstição:

“A mulher casada que não teve filhos, quando morre, vai vender azeite às portas do inferno, para alimentar o fogo eterno a que são condenadas os mãos e os perversos que morreram fora das graças a Deus.”⁷

Uma ideia que perpetuou durante os séculos, criando um conceito para a sociedade de mulher, o que é ser, qual o seu dever. Sendo combatido duramente pelos movimentos feministas. Mas que até hoje, é imposta a casar, e depois do matrimônio é obrigatoriamente condicionada a ter filhos. Ou seja, é a sociedade vigiando a mulher, no mais íntimo da sua sexualidade, e do seu corpo.

REFERÊNCIA;

ALMEIDA, JAG. **Amamentação:** um híbrido natureza-cultura [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999. 120 p. ISBN: 978-85-85239-17-4. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/rdm32/pdf/almeida-9788575412503.pdf>>. Acessado em: 10/09/2015.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado:** o mito do amor materno; Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, 370p.

CARULA, Karoline. **Perigosas amas de leite:** aleitamento materno, ciência e escravidão em A Mãe de Família. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.19, supl., dez. 2012, p.197-214.em: < <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v19s1/11.pdf>> acessado em: 18/11/2015.

Chartier, Roger. **A História Cultural, Entre Representações:** tradução de Maria Galhardo. São Paulo, Diefel, Ed.2, 2002.

Diário Novo, Segunda Feira 16 de setembro de 1842 N° 39 Pernambuco p.4.

Diário Novo, Segunda Feira 8 de agosto de 1842 N° 7 Pernambuco p.4.

⁷ Diário de Pernambuco; Recife- Sabbado, 14 de Janeiro de 1905; Redactor Chefe- Arthur Orlando.

FOUCAULT, Michel; **Em Defesa da Sociedade**, Curso no Collège de France: Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Editora Martins, Ed. 1º, 1999.

FOUCAULT, Michel; **Vigiar e Punir**: Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis; Editora Vozes, Ed. 27º, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Pernambuco, Global editora, Ed. 48, 2003.

NASCIMENTO; Alcileide Cabral, **A Sorte dos Enjeitados: O Combate ao Infanticídio e a Institucionalização da Assistência às Crianças Abandonadas No Recife (1789-1838)**; São Paulo: Annablume: FINEP, 2008. 272 p.

Orlando, Arthur; **Diário de Pernambuco**, Recife, Sabbado, 14 de janeiro de 1905

Orlando, Arthur; **Diário de Pernambuco**, Recife, Sexta- feira, 25 de outubro de 1901

PRIORE, Mary Del Priore; **História das Mulheres No Brasil**. São Paulo, Editora Unesp; 2004

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968. p.60-2 apud PILETTI, C. & PILETTI N. História da educação. 7. ed. São Paulo: Ática, 1997. p.94.

SCOTT, Joan; **GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL PARA ANÁLISE HISTÓRICA** JOAN SCOTT TRADUÇÃO: Christine Rufino Dabat Maria Betânia Ávila; New York, Columbia University Press. 1989.